

Lutas da MAIORIA

Florianópolis Abril de 1984

Distribuição gratuita - Nº 7

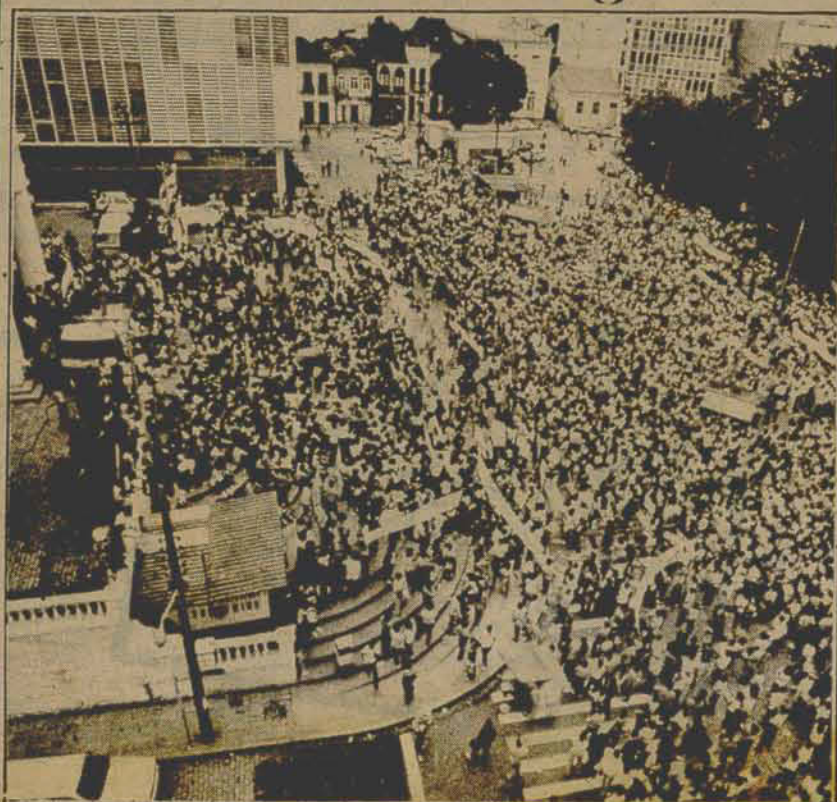
Esperidião, um ano de enganação

Precisa-se de um governador. Não é necessário experiência anterior em pilotar colheitadeiras, nem cantar em bailões. Não pode ser viciado em jogar truco. Não deve ficar jogando palitinho na porta do Palácio, nem comendo amendoim. Dispensamos recomendações de Raul Gil, Hebe Camargo, Sílvio Santos, Flávio Cavalcanti e também da turma do Pasquim.

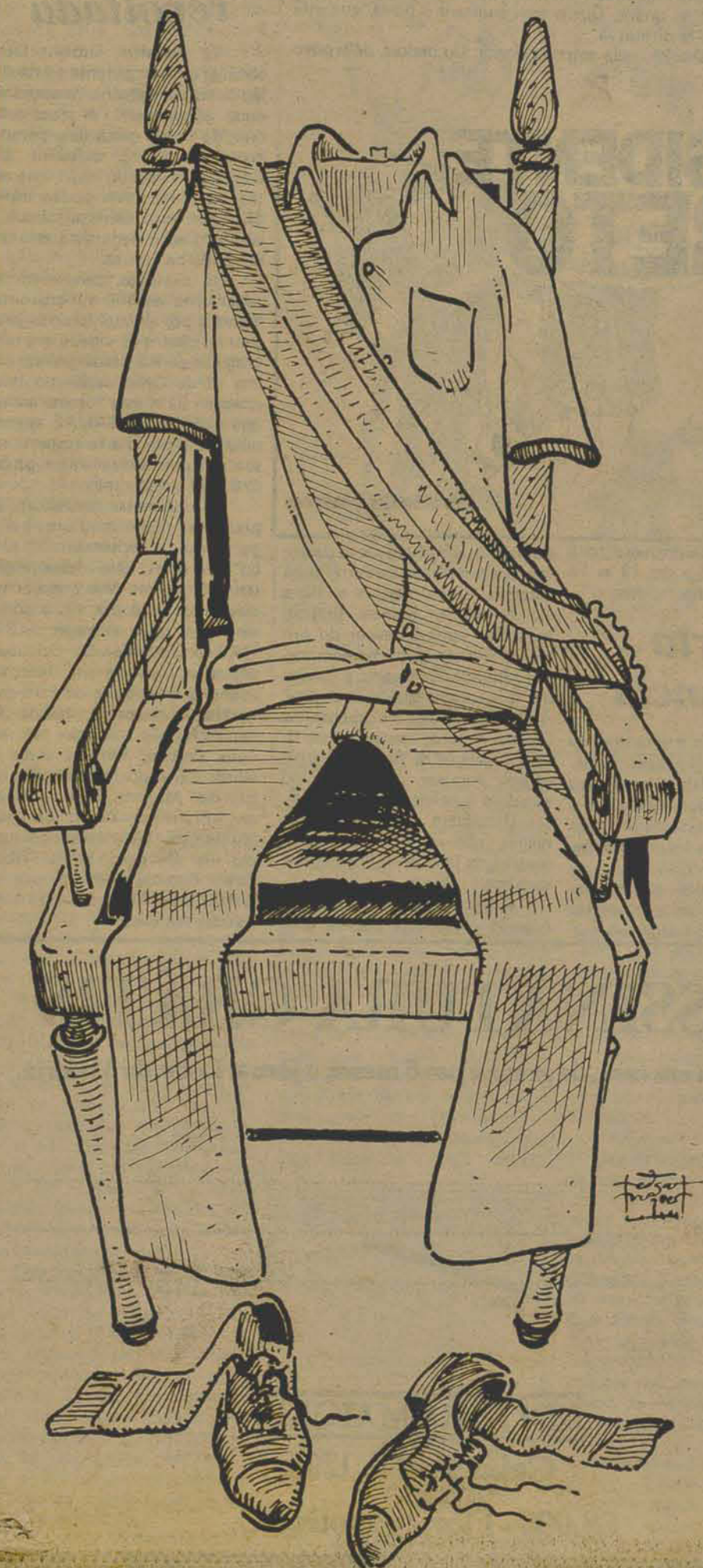
O interessado deve ser responsável, ter bom relacionamento com o Legislativo e pelo menos receber os secretários em audiência, para conhecer os problemas catarinenses. Três deles, nossa dívida de 900 bilhões de cruzeiros, quase 100 mil agricultores sem terra e a reconstrução.

Apresentar-se urgente, munido de modéstia, no Palácio Cruz e Souza: Esperidião Amin está lá há um ano, fez muito barulho mas poucas obras.

As diretas estão chegando



Quem não estava na escadaria, dia 29, viveu e não viu o último ato antes do fim da ditadura militar. Página 6.



Cartas normais e expedientes

Ana Maria Woiciek, de Xanxerê, tem apenas 21 anos e está ansiosa esperando as diretas. Ana, eu tenho 35 e também estou ansioso, te compreendo bem. Alguém de Romelândia escreveu dizendo que leu em outras edições do jornal críticas a prefeitos do PDS e que gostou, mas que gostaria de ver críticas a prefeitos da Oposição. Meu desconhecido de Romelândia, basta mandar. Aliás, a grande imprensa está sempre vigilante sobre todos eles, ou pelo menos deveria estar. Reconheça que o PDS tem dado farto material, pois não? De qualquer forma sua carta é ótima e me deu ânimo "nesta quadra da vida nacional", como diriam os políticos. A frase chave é "morra o diabo que é feio e véio e viva nós". O diabo são as indiretas. Outra carta, de Sombrio. Elogia muito nosso editorial/menino da última edição. Diz que a carta de Alfredo Viganó, de Campo Erê, espelha a realidade brasileira. Em nosso país a fome e a miséria são visíveis, afirma Antônio Pedro da Cunha, o homem de Sombrio. Qualquer dia o secretário da Comunicação Social de Amin vai dizer que Antônio Pedro não existe, que é ficção. Ele existe. Mora na Vila São Luis, é lúcido e corajoso. Recebemos carta também de Cláudio José Babinski, de Linha Suspiro, Nova Erechim. Ele pede socorro e estradas vicinais, afirmando que a produção dele e de outros colonos não pode ser escoada. Diz que a estrada só é conservada até a porta da casa de quem vota no PDS. Cláudio, os dias deles estão acabando. Além destas recebemos quase 300 pedidos de assinaturas. É claro que vamos mandar, enquanto tivermos fôlego. Aliás, fôlego temos bastante, o que não temos muito é dinheiro. Foi por isto, na certa, que você

demorou a receber esta edição. Não desanime, estaremos sempre ao lado da maioria. Expediente, este jornal é responsabilidade da Editora Maioria, Almirante Lamego 7/301, caixa postal 1295, Florianópolis, composição Dígito - Composição e Artes Gráficas Ltda e impressão no Jornal do Estado, Curitiba. Editor, Francisco Natam.



Carta fiscalizadora

Carlos Antunes Vieira Gonçalves, "fiscalizador das coisas públicas e das irregularidades cometidas na administração catarinense", quer que o jornal divulgue sua denúncia:

"Contrariando resolução governamental que proibia qualquer nomeação para as economias mistas, instituições financeiras e autarquias, o Sr. Carlos Passoni Filho, Presidente do BESC, nomeou seus dois filhos para o Sistema Financeiro Estadual. Um no BESC com salário de Cr\$ 700.000,00 inclusive indo frontalmente contra seu discurso de posse onde pregava austeridade e nomeações sem concurso, os quais teriam que ser efetuados através de provas de seleção elaboradas pelo ITAG, antes publicado em órgão de imprensa com tiragem diária. Mas isto não é nada. Este mesmo filho do Sr. Passoni além do novo emprego no BESC, recebe vencimentos como estagiário da ELE-TROSUL sem trabalhar, pois o

MAIORIA FORA FIGUEIREDO

O general quer seu sucessor escolhido pelo Colégio Eleitoral. Está claro que nunca pretendeu cumprir a promessa de fazer do Brasil uma democracia — ajudou a fazer a ditadura e dela recebeu o cargo sem voto.

Agora quer nos entregar nas mãos de Maluf ou Andreazza. Ninguém esperava seriamente o cumprimento da promessa, quando se sabe que o regime só fez concessões, nos últimos 20 anos, sob forte pressão popular.

O discurso que Figueiredo leu pela tevê dia 31 é uma afronta, todo na base do eu quero. Quem tem querer é o povo, que está nas ruas pedindo as diretas já.

Elas virão. Dia 25, pela emenda Dante. Ou depois, pelo povo nas ruas.

PRESIDENTE DIRETO



Direito da Maioria

mesmo não é onipresente para estar das 8 as 11 e das 13 as 19 em 2 lugares ao mesmo tempo".

Carta denúncia

Florianópolis é uma terra de preconceito racial visível, incontestável. O paulista Ricardo dos Santos passou por aqui e fez a frase depois de testemunhar um episódio que não foi relatado pela imprensa local.

Ricardo conta que no domingo 15 de janeiro, no ponto final da Barra da Lagoa, em Flo-

rianópolis, dois homens se desentenderam na hora de entrar num coletivo. Ricardo estava na fila e viu tudo. Um homem branco, barbudo, tentava retirar do início da fila um outro homem, negro. Agrediu e rasgou a camisa do negro, sem que ele reagisse. Ambos entraram, finalmente, no ônibus. A cena, contudo, despertara a atenção de todos. Diversos negros tomaram as dores do agredido e exigiram que o agressor (fica clara que o negro não reagiu, não importando qual o motivo da discussão) lhe pagasse uma nova camisa.

O ônibus não chegou a sair. Alguém chamou a polícia. Um

desconhecido, alheio ao fato, disse alguma coisa ao ouvido de um policial-militar que entrara no ônibus, apontando para o negro. Os demais negros, não se te interferiram. Veio o camburão, com mais PMs. Cada negro que chegava perto da AUTORIDADE para explicar que havia um branco de barba envolvido na confusão, era preso. Resultado: todos os negros no camburão, o branco no ônibus.

Uma carta revoltada

"O prefeito Tarcísio Deschamps é incompetente e está dilapidando o trabalho da comunidade gasparense". A frase está contida numa carta desesperada enviada por 15 cidadãos de Gaspar, no Vale do Itajaí, que estão assistindo, sem poder impedir, a um verdadeiro saque que a administração pedessista está cometendo na cidade.

Os cidadãos denunciam o pagamento de 500 mil cruzeiros mensais por aluguel de uma garagem no centro da cidade, e o emprego. Há casos graves, como os de Célio Jerônimo Bornhausen (já vi este nome antes) que trabalha na SAMAE apenas uma hora por dia (o restante na sua própria madeireira) e ganha Cr\$ 450 mil por mês.

As denúncias continuam. A prefeitura não mexeu uma palha para evitar o fechamento de cinco indústrias, que desempregaram 75 pessoas. Mas o maior saque ainda está por vir: a administração quer entregar a SAMAE à CASAN. Os cidadãos, vigilantes, prometem boicotar todos os vereadores do PDS que votarem a favor da medida. As denúncias são assinadas por Aurélio Pereira, Ornélia Amaral, Nilson Campos, Rudi Theiss, Elpidio Moretto, Nilton Boetger, Francisco Alves, Januário Nunes, Isaura Mitterstein, Maurício de Oliveira, Maria Tibes, Darci Pereira, Pedro Souza da Costa, Luis Alberto Bento e Aristides Willwich.

ASSINATURA GRÁTIS

Receba em casa, de graça e por 6 meses, o Jornal Lutas da Maioria.

Nome:

Endereço:

Cidade:

EDITORA MAIORIA

Caixa Postal, 1295

88.000 - Florianópolis, SC.



Corte aqui

Queda livre

A popularidade de Esperidião Amin está em declínio. Em setembro do ano passado, ajudado pelas enchentes, foi projetado nacionalmente e atingiu seu ponto máximo, com 64 por cento dos entrevistados pelo Instituto Gallup apoiando sua administração (índice positivo 33). Em dezembro caiu para índice 25 e em fevereiro já estava nos 18, equivalente a 40 por cento dos entrevistados condenando vigorosamente seu desempenho.

No final de abril (a avaliação do Gallup é bimestral) a queda deverá ser ainda maior, consequência de medidas impopulares como o reduzido aumento ao funcionalismo e corte de gratificações no BESC. É aguardar para conferir.

Tão logo foi divulgada a pesquisa pela revista Veja, a ágil (e cara aos cofres públicos) Secretaria de Comunicação do Governo (Secom) tratou de divulgar aos quatro ventos que Amin era o segundo governador em popularidade no país, apenas atrás de José Richa (PMDB, Paraná), sem deixar perceber que a insatisfação popular é crescente.

Mas o que deve ser discutido não são os números, mas as razões desta súbita e surpreendente notoriedade — claramente em descenso — de um político quase desconhecido no cenário nacional. O deputado João de Borba (PMDB), recentemente denunciou os enormes gastos que o Governo do Estado vem realizando com matérias muito bem pagas na imprensa do País.

Para Borba, o prestígio de Amin foi comprado a peso de ouro e com o sacrifício dos catarinenses. Ele cita 16 milhões de cruzeiros pagos por uma entrevista simpática ao governador, em oito páginas do semanário carioca "O Pasquim", mais dois milhões em livros encalhados da Codecri, editora do mesmo jornal.

É certo que a equipe do Pasquim veio a Florianópolis paga pelo Governo do Estado. Assim têm desfilado por aqui dezenas de jornalistas de importantes órgãos de comunicação do País. Mas o "prestígio" do governador Amin não pode ser creditado apenas a uma troca grosseira, na base do toma-lá-dá-cá, entre grandes jornais e televisões e a Secom. Esta troca existe, mas é bem mais complexa.

Erra inclusive o secretário da Comunicação Paulo da Costa Ramos, exibindo a aplicação de uma verba de Cr\$ 800 milhões no ano passado, em publicidade. Valor muito mais baixo do que o gasto em 82. Ou seja, o governador estaria aparecendo na imprensa nacional apenas por seus méritos de grande administrador e não seria o resultado de um grande trabalho de investimento publicitário.

Dois erros do Secretário: em primeiro lugar, se a verba de pu-



blicidade fosse cinquenta vezes maior, nada garantiria o espaço que o governador tem hoje na grande imprensa, sempre aparecendo positivamente. Neste mesmo raciocínio, teríamos o Paulo Maluf como o grande administrador público jamais aparecido antes no País. Não é assim que as coisas funcionam nos grandes jornais e televisões. Erro dois: A verba do ano passado para a publicidade só poderia ser menor que o ano eleitoral de 82, e ninguém sabe o quanto em publicidade, direta e indireta, foi gasto para Amin. Sabe-se apenas que o então governador, Henrique Córdova, admitiu publicamente que iria "parar na cadeia" se per-

desse a eleição. "Ganharam", ele escapou.

Qual é a receita do sucesso nacional de Amin, então? Quem examinar com alguma profundidade as instituições políticas, jurídicas, imprensa, universidade, a super-estrutura deste País, verá que Amin percebeu o que 99 por cento dos políticos do PDS e conservadores em geral de outras legendas não percebiam. Começou a oferecer o discurso aparentando querer mudar algumas coisas, mas, desde que as coisas continuem como estão: minoria privilegiada explorando a classe trabalhadora.

Amin era a voz e a face que faltava aos liberais. O velho vestido de novo. Era o homem que a grande imprensa, também como ele, liberal na forma, mas conservadora no fundo, precisava. Amin, espertamente, soube preencher o espaço que 20 anos de autoritarismo deixou aberto. Este flanco, percebido pelo instinto rapace de Amin, nenhum golpe publicitário compra. Quem compra este espaço é a possibilidade de manter tudo como está, oferecendo apenas uma nova torma.

Então, está na hora de parar de discutir compra de jornalistas — pois a grande maioria não se vende —, parar de denunciar a compra da grande imprensa —

As aparências já enganam menos.
Pesquisa mostra decadência de
Amin e nós explicamos o
que há por trás dos números.

pois a verba de Sta. Catarina é bem menor que a de qualquer Bom-Bril ou coisa parecida — e passar a discutir a estrutura de poder que mantém milhões de miseráveis e poucos privilegiados. E nesta estrutura estão dois grandes aliados: a nova direita do sr. Amin e o enganoso liberalis-

mo da grande imprensa.

Mas a popularidade de Amin está caindo. E não é surpreendente. Afinal, toda badalação feita em cima de seu nome precisa de um mínimo de sustentação. E Amin nada fez de concreto em seu primeiro ano de governo.

NA POLÍTICA

Governador queria mandar sozinho.

Acabou isolado, acuado

AMIN GOVERNA DEMAIS. A frase só podia ser de um assessor palaciano. Fora deste círculo restrito ele só leva chumbo. Três parlamentares da bancada na assembleia, Nagib Zattar, Otair Becker e Aldo Pereira de Andrade, estão sempre com um pé atrás quando qualquer sinal de fumaça vem do Palácio.

Apesar de ter conseguido aprovar todos os projetos que enviou à Assembleia, onde o PDS tem um deputado a mais do que a Oposição, a maioria deles foi descaracterizada por emendas. Os interesses políticos da bancada sempre prevaleceram sobre os projetos teoricamente necessários (se não fossem, por que o governo iria enviá-los?) do Executivo. Amin cedeu sempre à bancada.

Cede o mais habilidoso politicamente, ou o mais fraco. Depende da ocasião, sem dúvida. Mas a evidência é de fragilidade de Amin, pois o primeiro racha com a bancada (na última convenção, com a eleição de Córdova para presidência do diretório regional) custou ao governador a existência de um governo paralelo, sob a fachada do escritório de advocacia de Jorge Bornhausen e Córdova. Cria dos dois, Amin tentou uma manobra antes da

convenção, percebida pela dupla mais esperta, e acabou em minoria na Executiva do Diretório. E acuado.

De lá pra cá o relacionamento deteriorou muito. Córdova, que sempre se disse candidato a sucessão de Amin, está irritado com a falta de apoio, confessou que "iria parar na cadeia se o PDS perdesse a eleição" (numa alusão a seu próprio comportamento irregular na administração para favorecer Amin), exigindo o troco, numa barganha escandalosa.

No fim do ano passado a bancada reuniu-se para exigir o fim das viagens de Amin: o governador só era visto no eixo Rio-São Paulo, em entrevistas pela TV, ficando às vezes até dois meses sem despachar com secretários de estado. O governo do governador que governa demais não governava nem os auxiliares diretos.

Agora Amin anda de bicicleta. Precisa aparecer na grande imprensa (o que custa caro, muitas viagens), mas não pode descuidar da cozinha (seu primeiro escalão se entrevera com vistas a sucessão) e mantém um precário equilíbrio com a dupla Bornhausen Córdova. Quando parar de pedalar...

NA ECONOMIA

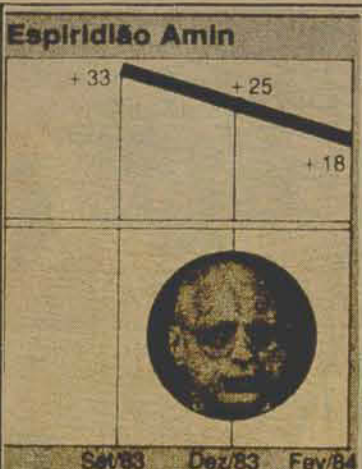
Ele ajudou a abrir um rombo de 900 bilhões

Amin herdou das sucessivas administrações corruptas e irresponsáveis do período revolucionário a dívida que nos sufoca: em 31 de março de 83 já somava Cr\$ 213 bilhões de cruzeiros, 60 por cento em dólares. Por força das variações cambial, da UPC, e da ORTN e da incompetência de sua própria política econômica, a dívida já passou dos 900 bilhões de cruzeiros. Santa Catarina está perigosamente perto da fantástica cifra de um trilhão de cruzeiros.

Os dados são do próprio governador, revelados na mensagem em que COMEMOROU seu primeiro ano de governo. Presente indigesto para nós. A dívida

começou na administração Konder Reis, mas cresceu mesmo sob a dupla Bornhausen/Córdova, formalmente criticados pelo Tribunal de Contas. Amin tentou fugir da responsabilidade, mas sabia bem onde estava pisando, pois foi sua pasta, a Secretaria dos Transportes e Obras, quem gastou a parte do leão na administração passada, servindo como trampolim para sua eleição.

Agora ele se limita a rolar a dívida, dilatando os prazos de vencimento, sem realizar qualquer investimento e com óbvias dificuldades de custeio — a consequência, já se vê, é o arrocho salarial sobre o funcionalismo, além do corte de gratificações aos



empregados do BESC, um direito adquirido há anos pela categoria.

SUFOCO

E a coisa vai piorar. Confira os dados, oficiais, conforme fonte da própria Secretaria da Fazenda:

Venceu no ano passado uma parcela da dívida externa de 23 milhões de dólares, da qual o Estado só conseguiu rolar 12 milhões, ficando inadimplente em 11 milhões. Esta "sobra", nada desprezível, talvez consiga ser renegociada no decorrer deste ano, mas em 1984 vence uma outra parcela da mesma dívida de 30 milhões de dólares. A se repetir a experiência do ano anterior, este montante (41 milhões) será rolando parcialmente, continuando o Estado, no encerramento do exercício de 84, ainda inadimplente com os credores internacionais. Como a dívida, de acordo com o cronograma de pagamento original, ainda se estende por muitos anos, é fácil deduzir que com as sucessivas rolagens — geralmente são feitas por 8 anos, a juros escorchantes o Estado continuará estrangulado ad infinitum.

A este quadro desalentador, deve-se somar Cr\$ 24,4 bilhões da dívida interna que o Estado não pôde pagar em 1983, Cr\$ 99 bilhões da mesma dívida que venceu em 1984, Cr\$ 29 bilhões da dívida fluante, proveniente da antecipação de receita. Em resumo: o serviço da dívida para 1984 em números redondos é de Cr\$ 209 bilhões, ou seja, Cr\$ 30 bilhões superior à receita total do Estado em 1983.

Nem tanto ao mar, nem tanto a terra

O Pasquim foi mais exagerado que o

Ataliba, o Exagerado.

Doze das 24 páginas do Pasquim de fevereiro que traz Amin na capa têm matérias sobre Santa Catarina. Todas elogiosas. Somos "Oásis", "Nirvana", "Miragem", economia que deve ser modelo nacional, funcionalismo público radiante com o aumento, prefeituras municipais com os cofres cheios, esgotos em todas as cidades, eletrificação rural em abundância, telefone rural em cada canto, o Departamento de Saúde Pública foi transferido para um prédio luxuoso, igual ao da rodoviária de Florianópolis, nossos cem mil agricultores sem terra vão já já receber seus lotes para trabalhar.

Não é surpresa, portanto, que o governo tenha comprado quase toda tiragem, de 50 mil e

emplares, para distribuir no estado. Depois da publicação, um repórter do jornal encenou, no mesmo restaurante Oliveira, da Lagoa da Conceição, onde foi realizada a entrevista com Amin, outra entrevista, desta vez com o Senador Jaison Barreto, na presença de diversos jornalistas catarinenses. Que não foi e não será jamais publicada.

Nem todos os catarinenses engoliram esta, é claro. E a resposta, altiva, veio numa carta, publicada em março. Desta vez, o espaço do "Oásis", "Nirvana", "Paraíso", foi uma simples coluna, espremidinho, letrinha bem pequeninha. Leia a "Carta pro Fausto" (Fausto Wolff é um dos donos do Pasquim), pelo sociólogo Remy Fonana, professor da UFSC.

"A "abertura" da ditadura acaba de fazer mais uma vítima: o Pasquim. Aqueles que acompanharam o Pasquim desde o 1º número, atravessando esta longa noite de arbítrio, prepotência e impunidade que o regime militar, a serviço do grande capital, impôs à nação, e, que viam nele o companheiro de resistência e a expressão da liberdade, experimenta hoje um misto de frustração e perplexidade. Estou me referindo ao n.º 764, especificamente a entrevista com Esperidião Amin, governador do PDS eleito fraudulentamente em S. Catarina, pela máquina de corrupção e clientelismo de uma das mais antigas e bem assentadas oligarquias que aviltam a cidadania neste país.

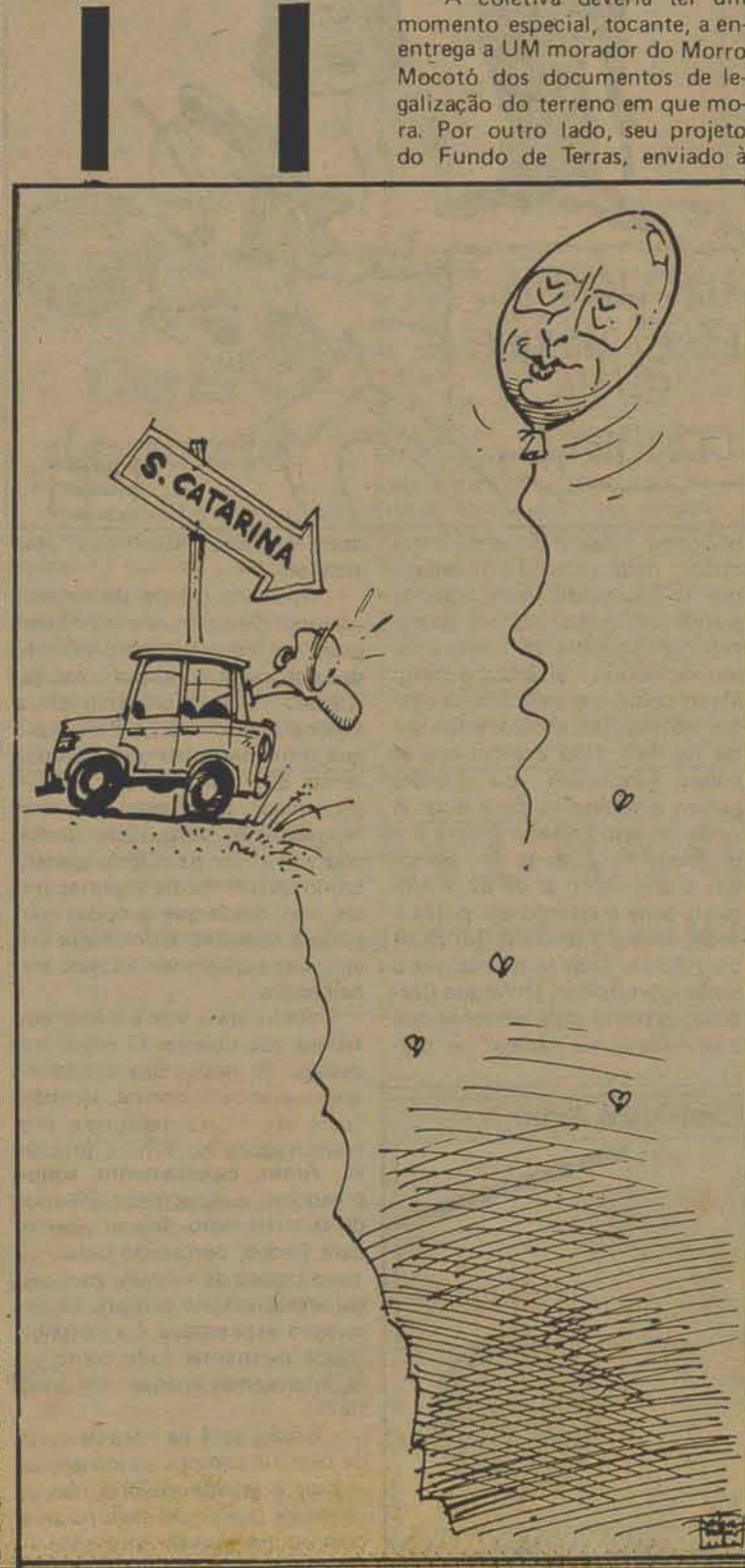
É triste ver o Pasquim entrar nesta enganação dos políticos da "Nova Direita", modernizados e bem falantes, que fazem um discurso bonitinho para o "público externo", enquanto nas internas implementam as políticas dos grandes grupos, da agro-indústria e da oligarquia financeira (acreditem rapazes, isto existe também aqui em SC).

É irônico promover — ainda que materialmente compensados com algum ingresso numa eventualmente combalida caixa, e agraciados em camarões, caipirinhas e cerveja num fim de semana (o único chuvoso — bem feito — deste magnífico verão) na ilha tropical de S. Catarina, o tipo de gente que sempre considerou o Pasquim com o diapasão do obscurantismo. O Pasquim nunca foi lido pelos eleitores do PDS do Sr. Amin. Estes preferem, os alfabetizados, os jornalões da imprensa dita responsável, o Diário Oficial para checar suas nomeações e prebendas, ou a mera videotização global.

Não tenho tempo nem sacca para comentar a babaquice deste número encomendado, da entrevista aos artigos sobre S. C. um só equívoco. Parece que aqui, como foi dito e sugerido, a ditadura não se exerceu, com seus agentes locais; que o capitalismo não dizimou antigas formas de

produção e relações de trabalho, com seu séquito de exploração e miséria (um Estado basicamente agrícola e de pequena população tem seg. a CPT umas 100.000 famílias sem terra, recém-expulsas do campo pelas novas formas de capitalização intensivas); a recessão aqui não existe, os nossos milhares de desempregados são todos fantasmas, ou personagens fictícias de uma oposição muito imaginosa; e last but not least, a nossa oligarquia provinciana dissipou-se por encantamento do Sr. Amin, ou melhor, nunca existiu, pura intriga da oposição (há 100 anos...)

Mais dados e informes democráticos e honestos sobre S.C., por favor Fausto, para alentar o teu tão festejado senso de dignidade, consulte, se me permite, o meu trabalho que segue em anexo, e uma sugestão, entreviste alguém como Nelson Wdekini, dep. federal do PMDB pela região de Florianópolis para uma versão sobre política e sociedade catarinense, segundo a ótica dos interesses populares. Um abraço."



MUITO PAPO, POUCAS OBRAS

Esperidião Amin só fez poucas e pequenas obras em seu primeiro ano. Agora um balanço mostra que foi só fachada.

Desta vez o tiro saiu pela culatra — a bem montada peça publicitária veiculada pelo governo em todos os jornais (entitulada "Primeira Resposta à Carta dos Catarinenses) pretendia mostrar o que o governo fizera em seu primeiro ano, mas acabou evidenciando o que todos sentiam: Amin fez muita propaganda e poucas obras.

Na entrevista coletiva que marcou a data, em 15 de março, Amin distribuiu a imprensa um balanço muito pobre. Destacou apenas A PROMESSA DE UM EMPRÉSTIMO DE 20 milhões de dólares para a BR-282, reconhecendo logo adiante que Santa Catarina tem hoje uma dívida de 900 bilhões. Quase um trilhão de cruzeiros!

A coletiva deveria ter um momento especial, tocante, a entrega a UM morador do Morro Mocotó dos documentos de legalização do terreno em que mora. Por outro lado, seu projeto do Fundo de Terras, enviado à

Assembleia Legislativa, já criticado por agrônomo, sindicatos de trabalhadores rurais e especialistas do setor, em nada ajuda a resolver o problema dos cem mil agricultores sem terra existentes em Santa Catarina, conforme dados revelados pelo bispo de Chapecó, dom José Gomes, presidente da Comissão Pastoral da Terra.

Entre as coisas importantes que a administração Amin deixou de fazer estão as vitais obras de proteção contra as cheias no Vale do Itajaí. O alerta é do deputado Alvaro Correia, que há dias denunciou a paralização pelo DNOS — justamente agora que estamos chegando a novo período de chuvas, com consequências previsivelmente dramáticas.

O funcionalismo e os professores tiveram um arrocho salarial mais acentuado que qualquer outra categoria. Apenas para repor as perdas salariais sofridas no governo Amin, o funcionalismo teria que ser aumentado, em abril, em 114 por cento. O governo vem tentando superar seus problemas a custa de um arrocho salarial sobre seu pessoal.

SALDO NEGATIVO

Na "Resposta", Amin citou seus PROGRAMAS SOCIAIS voltados "aos pequenos", mas o deputado Roberto Motta considerou os números "puro exercício de retórica". Segundo ele, "o projeto de Crédito Fundiário, o programa Pequenos Patroões, a "reforma agrária" de Amin, não passaram de intenções. Hoje, nos quiches do BESC acumulam-se pedidos de empréstimos e financiamentos de pequenos empresários e centenas de agricultores, todos enganados pela propaganda oficial. A concessão de financiamentos, uns poucos, foram para filiados ao partido governamental e apenas serviram aos fins de propaganda".

Em Criciúma, o governo anunciou fartamente a participação de uma sua empresa, a Cocar, em condomínios de agricultores. Segundo o secretário municipal da Agricultura, Luiz Dal Farra, é pura mentira. A Secom gastou mais fazendo as placas para anunciar a participação do que para financiar efetivamente o projeto. Na prática, a prefeitura paga um engenheiro e a mão-de-obra de um condomínio, o governo estadual nada fez. E os recursos repassados pelo BESC a juros escorchantes, serão pagos com a entrega da própria produção. Quer dizer, entraram para explorar o produtor".

As estradas vicinais, que são vitais ao escoamento da produção agrícola, estão em precárias condições. Basta meia tarde de chuvas para que os produtores fiquem ilhados. Ao problema,



some-se as dezenas de pontes e pontilhões que caíram durante as enchentes e não foram reconstruídas, isolando e prejudicando ainda mais aos colonos.

De Linha Suspiro, município e Nova Erechim, o colono Cláudio José Babinski faz um relato dramático e denuncia o estado de abandono em que vivem os agricultores da região. Ainda segundo ele, nas poucas vezes em que o governo aparece para auxiliar, atende aqueles que são eleitores do PDS, numa discriminação que qualificou de "ódio sa".

O descaso pelos pequenos parece ser mesmo uma marca registrada. O deputado Dércio Knopp quer ver resolvido o problema das indenizações de terras nas áreas desapropriadas pelo DNER e DER. Quer um levantamento de toda situação encontrada em Santa Catarina para poder pressionar os órgãos competentes, visando liberar as indenizações. "Quero ver esta dívida resgatada já. Até aqui o governador Esperidião Amin não fez nada para resolver o problema", afirma Knopp.

Em tempo — no documento Amin revela que construiu 126 quilômetros de estradas. Só. E na certa ligando o nada a coisa nenhuma.

DESCULPAS

Um papo majado do Governador é a eterna repetição de que 1983 foi um ano difícil e portanto, tornou-se impraticável o cumprimento de diversas promessas feitas durante a campanha eleitoral. As chuvas serviram para justificar a inércia do governo e a total ineficiência da máquina administrativa. Se para o povo foi um ano difícil em razão das chuvas, da crise econômica, do desemprego, dos constantes aumentos do custo de vida, para o governador, foi uma bela oportunidade de lançar sua imagem nacionalmente, esquecendo-se de seus compromissos com o povo catarinense.

Para quem assumiu prometendo uma "administração transparente", Amin começou bem, denunciando a existência de fantasmas. Só que todo mundo já sabia que existiam — e o tempo se encarregou de mostrar que o governador convive pacificamente com eles.

Como não conseguiu recuperar a moralidade administrativa, todos se locupletam. As jóias do avisão da Transbrasil foram roubadas dentro de uma delegacia de polícia, há 4 anos. Até hoje, necas. As ORTNs do DAE foram roubadas do cofre, nas barbas de todos, até hoje, necas. O dinheiro que veio dos estados para reconstrução foi manipulado. Necas. O Bescândalo estourou dentro dos gabinetes e ganhou às ruas com a briga Grillo/ Passoni. Necas. Necas de pitibiriba.

As 6 perguntas que Amin não pode responder:

- 1- Você é a favor das diretas ou apenas enganou os "pequenos" e a opinião pública nacional com promessas que não pode cumprir?
- 2- Se você é a favor, por que não ajuda a campanha, como fazem os governadores da Oposição?
- 3- Por que não compareceu aos atos públicos de Camboriú e Florianópolis?
- 4- Por que nenhum deputado federal ou senador do PDS catarinense votará a favor das diretas?
- 5- Por que você só busca apoio de quem não tem voto no Congresso nem possibilidade de apoiar a emenda pró diretas?
- 6- Será porque o seu interesse nas diretas visa apenas sua imagem pessoal a nível nacional?

Agora falta pouco

15 mil no comício da praça.

Dia 25 é a votação da emenda das diretas.

Festão do povo na praça. Dia 29, nas escadarias da Catedral, em Florianópolis, quase 15 mil pessoas participaram do ato público pelas diretas já. Sem cantores e sob mau tempo. Ulisses Guimarães, Lula, Doutel de Andrade, Jaison Barreto, Sérgio Grando, Edson Andriano, Clair Castilhos, Ricardinho Machado, Antônio Macedo, Serge Goulart, Artur Scavone, representantes de funcionários públicos, médicos, engenheiros, mulheres, todos estiveram representados e tiveram voz na praça.

De Brasília, o repórter Lourenço Cazarre, ex-editor de O Estado, manda matéria exclusiva. Nos bastidores do Congresso, ele fala da manobra que o governo Figueiredo tentará articular para evitar as diretas já, e testemunha que as oposições estão coesas, dispostas a não negociar o principal — o já, das diretas.

A fala do presidente Figueiredo em 31 de março foi decepcionante. É Cazarre quem diz que "acossado por todos os lados, o governo joga sua última cartada nos próximos dias, certamente antes da votação da emenda Dante de Oliveira, a 25 de abril, enviando ao Congresso o que está sendo anunciado como "uma ampla reforma constitu-

cional". Na verdade, no seu derradeiro gesto para não perder os dedos, os últimos representantes do período que se iniciou com o golpe militar de 64, tentarão entregar os anéis ao Parlamento, ou seja a propalada "reforma".

Tentando dourar a pílula com eleições diretas para as capitais e estâncias hidrominerais, com a extinção do nefasto decurso de prazo, maiores facilidades para constituição de novos partidos e outras perfumarias, os atuais ocupantes do Palácio do Planalto, querem evitar a realização de eleições diretas para a Presidência da República. Em suma, cedem em tudo aquilo que a oposição vem exigindo há anos, porém, não dão as diretas.

Por todo o país, segundo levantamento que é feito diariamente pelo jornal "Folha de São Paulo", quase dois milhões de pessoas já saíram às ruas.

Enquanto o governo enveneniza o seu "pacote do desespero", tentando trocar tudo pela possibilidade de indicar mais um do seu grupo, o último, para a Presidência da República, no Parlamento debate-se a possibilidade de aprovação da emenda Dante de Oliveira. Tem-se quase como certa a passagem da emenda pela Câmara, embora a oposição precise de mais de 70 votos de deputados pedessistas.

O problema está no Senado, onde os biônicos, indicados em 1978, dão larga vantagem para o governo e podem, eles que não foram escolhidos pelo voto, negar ao povo brasileiro a chance de indicar o sucessor do general Figueiredo.

O pronunciamento de Figueiredo, na comemoração do quinto aniversário de seu governo, no qual ele atacou duramente a eleição direta, parece indicar que o governo está à beira do desespero. E isso leva, é claro, a tal "reforma ampla" que deve surgir brevemente.

O difícil quadro econômico e social do país deve levar, acredita-se aqui, inevitavelmente à eleição direta. Poderá o país suportar mais outro presidente indicado, a lhe pedir sacrifícios em cima de sacrifícios, nos próximos quatro, cinco ou seis anos? Não. Ninguém acredita nisso.

Se por acaso vierem a vencer no Colégio Eleitoral, Andrezza ou Maluf dificilmente terão pulso pra dirigir um país que cada vez mais se afunda num abismo econômico e financeiro, um país que retira o alimento da boca de seus cidadãos para pagar os juros aos banqueiros internacionais, sob a pressão do Fundo Monetário Internacional.



Não à conciliação

O que há por trás da "unidade interna".

A verdade sobre a terceira força dentro

do PMDB, por Evandro Magalhães.

A grande imprensa catarinense, que patrocinou a vitória de Amin, está patrocinando a luta pela "unidade interna" do PMDB e consolidação da corrente Pedro Ivo. Em 23 de fevereiro Moacir Pereira publicou a crônica "PMDB-ESFORÇO PELA UNIÃO", enquanto o JSC informava que Jaison e Pedro Ivo iam se reunir para tentar uma consolidação articulada pelo Deputado Bortolini.

O que estaria por trás disto? Como posto avançado da ideologia do regime, na manipulação da opinião pública, a grande imprensa já sabe que nenhuma fraude será capaz de tirar da Oposição a vitória nas próximas eleições majoritárias. Diante disso deseja o mal menor, ou seja, que se a vitória couber ao PMDB, que seja a vitória de sua corrente consensualista, polarizada em torno de Pedro Ivo Campos.

Para cumprir essa estratégia a grande imprensa ventila velhos preconceitos. Procura caracterizar a atual divergência entre as correntes de Jaison e Pedro Ivo como simples "sequela da Pré-Convenção" e retoma o mito de que o PMDB ganharia as eleições se Pedro Ivo tivesse sido o candidato.

A Pré-Convenção foi produto de uma prática profundamente democrática, que consitiu na consulta direta às bases sociais organizadas do PMDB: o movimento jovem, o movimento feminista, o movimento dos intelectuais e estudantes, etc. E foi tão legítima que a própria corrente que hoje se diz prejudicada assimilou as conclusões e se empregou a fundo na tentativa de ganhar o pleito. O próprio Pedro Ivo desencorajou sugestões para "virar a mesa" na Convenção, depois da incorporação do PP ao PMDB.

Por que o teria feito não esconde qualquer mistério. A tentativa de "virar a mesa" cindiria o partido em inúmeros pedaços e possibilitaria que o voto unitário contra o governo se expressasse noutro partido, como acon-

teceu, por exemplo, no Rio de Janeiro. Se Jaison Barreto ganhou o voto na pré-convenção e o ratificou e consolidou na Convenção foi porque mostrou possuir maior e mais consistente apoio social nas bases do Partido. Essa superioridade emanou do conteúdo de seu discurso político, verdadeiramente oposicionista e rigorosamente renovador. Se ele não se elegeu não foi porque teria sido mais sensato lançar Pedro Ivo, mas porque o sistema não aceitava sua mensagem de renovação e de mudança, que acabou anulando em esmerada fraude eleitoral.

Seria bom que pudéssemos ter ganho com qualquer outro candidato, se esse fosse o caso. Na verdade não havia outro candidato, pois Jaison Barreto sintetizava, em Santa Catarina, toda a combatividade exigida pelo espírito oposicionista esmagado durante anos. As análises "pos-mortem" não têm qualquer valor. Mas é certo que Pedro Ivo não teria ganho, ainda que tolerado pelo regime — com o qual está sempre disposto a conciliar — simplesmente porque sua votação foi bem menor que a de Jaison Barreto, apesar de concorrer contra um adversário bem mais fraco. Se Pedro Ivo obtivesse votação pelo menos igual à de Jaison Barreto já seria hoje senador. E tê-lo ia feito porque à sua votação se juntou o peso da excelente contagem de votos que Jaison fez para si mesmo e, como cabeça de chapa carregou para todos os seus companheiros.

Essas análises se confirmam, também, com o fenômeno recente do surgimento de uma auto-denominada "3ª força" dentro do PMDB. Os membros desse movimento querem fazer crer à opinião pública que o partido se cansou de sua polarização interna e a 3ª força seria um movimento contra a intransigência revolucionária do chamado Grupo Jaison. Na verdade, porém, a 3ª força é uma dissidência DENTRO do grupo Pedro Ivo. Ela é formada por pessoas que vêm, que apesar do domínio burocrá-



tico da máquina partidária e da posse de recursos materiais que essa máquina propicia, Pedro Ivo não tem tido sucesso em atrair para seu lado a intelectualidade, os jovens, as mulheres e os estudantes. Por isto é que, sob a direção de Pedro Ivo o partido hoje tem dinheiro, mas não tem idéias, dinamismo, não tem garra, está parado e tímido. A 3ª força quer colocar em evidência alguém com maior jogo de cintura no combate ao grupo Jaison, porque percebe que Pedro Ivo não tem a combinação de firmeza e flexibilidade necessária à garantia da vitória de sua corrente.

Os jornais da grande imprensa sugerem uma "conversa franca" entre Jaison e Pedro Ivo, como se a crise do PMDB catarinense fosse uma crise de desconfortos pessoais. Mas a crise que existe é de hegemonia entre duas diferentes visões do mundo, de duas diferentes concepções programáticas, assim como de diferentes práticas políticas. Enquanto a corrente Pedro Ivo se esmera em dominar os cargos do aparelho partidário, jogando por cima dos interesses populares, nos acordos de cúpula, a corrente Jaison retira sua força dos movimentos sociais espontâneos e das tensões da base.

Lutas desse tipo não possibilitam conciliações e empolgam o partido nacionalmente. A "campanha das diretas" ilustra bem essas diferenças. Enquanto a "tendência popular" procura todos os meios e modos de mobilizar as massas e levar o povo às ruas, a corrente consensualista, que detém a Secretaria Geral do Partido vai, na pessoa de Afonso Camargo, subindo a rampa do Planalto, para se submeter a qualquer tipo de acordos e, com isto, minimizar a vontade, o significado e os efeitos da campanha pelas eleições diretas.

Não queremos que capitulações semelhantes venham a ocorrer em nosso Estado.

PICLES (do Levic)

- POBRE É DEDITIDO. RICO É EXONERADO
- HOJE EM DIA QUEM TEM MUITO LIXO TEM LUXO.
- NÃO SE PODE DAR CRÉDITO AO GOVERNO QUE ELE VAI LOGO GASTANDO.
- O VERDADEIRO PECADO DA CARNE É O PREÇO
- O PROBLEMA DA TERRA É TÃO GRAVE NO BRASIL, QUE SEM UMA REFORMA AGRÁRIA O POVO NÃO TEM NEM ONDE CAIR MORTO.
- QUEM DIZ O QUE PENSA O GOVERNO DISPENSA.
- OS EMPRESÁRIOS GANHAM A VIDA COM O SUOR DO ROSTO... DOS EMPREGADOS.
- A OPÇÃO DOS CATARINENSES É PELO PEQUENO SIM, MAS BURGÊS.
- COM UM PRSIDENTE CAVALEIRO A INFLAÇÃO DO BRASIL SÓ PODIA SER CALOPANTE.
- A ELITE BRASILEIRA SÓ APERTA O CINTO QUANDO VIAJA DE AVIÃO.
- SEMPRE QUE ENTRAM EM CENA OS PRESIDENCIAVEIS ENCENAM.
- O BRASILEIRO JÁ SE FAMILIARIZOU COM O DÓLAR. AGORA ELE É DO LAR.
- PRA DETER A MARCHA DAS DIRETAS O PALÁCIO DO PLANALTO PENSA EM CONVOCAR UMA FRENTE. SERÁ UMA FRENTE FRIA.



O doutor Barroso conta:

"Com muito estardalhaço o governador anunciou a existência de fantasmas na administração, poucos dias depois de assumir. E fez uma cara de espanto tão convincente que muita gente chegou a jurar que ele demitiria a todos.

Mas era só efeito moralizador, pra consumo externo. Depois de muita matéria encomendada sobre o assunto à própria Secom, o assunto esfriou e os fantasmas continuaram arrastando suas correntes até o caixa do Tesouro.

Um deles: Consuelo de Oli-

veira, que do BESC (onde era pluft), voou para o Rio de Janeiro e aterrissou na BESC Financeira, com salários de mais de um milhão de cruzeiros. É intocável porque protegida pelo EX-GOVERNADOR Jorge Bornhausen, porque EX-ESPOSA do EX-MINISTRO do TC Guilhermino de Oliveira, EX-SÓCIO de Jorge no ex-tinto Banco de Investimento do Grupo Áurea, um gigantesco ES-TOURO dos grandes ES-CÂNDALOS da era 64. "Consu" também é funcionária do Inamps — e como todo fantasma, dá EX-PEDIENTE nos dois lugares."

Esta nem o doutor Barroso quer contar:

Com passagens pagar pelo governo do Estado (sempre as tetas do governo!) um modesto auxiliar administrativo da CIDASC, Dirceu Mocelin, foi a Brasília e lá permaneceu três dias gozando das mordomias federais, a pretexto de apresentar um projeto "inédito e revolucionário" ao MEC.

Revelado, verificou-se que a idéia de criar um programa pelo qual o estudante universitário realizaria trabalhos gratuitos à comunidade nas horas vagas, é uma versão piorada do Projeto Rondon, sugerida com o objetivo de manipular os estudantes e, através deles, a população supostamente beneficiada.

E o pior é que o projeto Mocelin, mesmo sendo, é apenas um amontoado de idéias primárias espargidas sobre sete laudas de papel em espaço dois, com centenas de erros de português, transitou com muita desenvoltura entre as eminências da República, foi elogiado pelo presidente Figueiredo e seu autor recebeu

do por um ministro (Andreazza, do Interior) e pelo vice Aureliano Chaves. Também esteve no MEC com a babaquice, o que só revela a fragilidade da estrutura governamental no setor.

Mocelin quer os estudantes trabalhando "porque desfrutem de um privilégio, sem que o governo cobre nada". Portanto, o ensino público e gratuito, bandeira de todo estudante consciente deste país, é "privilégio" para o funcionário público e pedessista Mocelin (esquecemos de dizer que o gênio é membro da JDC).

Além de servir de munição ao Governo na sua proposta de cobrar o ensino, o raio do projeto quer manipular tudo e todos. Sugere que estudantes de psicologia "visitem as famílias e as orientem para que não se DISPEREM com as dificuldades, ao mesmo tempo em que falem que o governo está preocupado com AS FAMÍLIA. É, assim mesmo como está escrito. Dá pra aguentar?

Família unida

O prefeito Cláudio Ávila da Silva, de Florianópolis, sem dúvida deve muito de sua nomeação ao tio, Aderbal Ramos da Silva, presidente do Diretório Municipal do PDS e dono do jornal "O Estado". Aliás, a "O Estado" todos devem muito no PDS, inclusive o governador Amin, já que de seus quadros saíram alguns dos principais assessores de sua campanha, além de ter servido como poucos à divulgação da imagem do candidato.

Até aí tudo bem, é um acerto entre eles. Mas parece que o pagamento está sendo feito com o dinheiro público.

Pelo menos é o que se depreende do contrato entre a Datafar, empresa de processamento de dados encarregada de processar os carnês de pagamentos dos impostos municipais. Os donos da Datafar são o tio do prefeito e alguns parentes, além de funcionários do jornal.



Uma que o doutor Barroso prova:

"Juro afastar desta Assembléia todos os fantasmas." Mais desmoralizada do que esta frase do deputado Júlio César, presidente da Assembléia Legislativa, só mesmo a promessa de Figueiredo de fazer deste país uma democracia. Depois de toda bronca ele ainda teve a coragem de nomear o ex-prefeito de Navegantes, João José Fagundes, atual secretário da Procuradoria Fiscal da prefeitura (e

CERTIDÃO

Certificamos a pedido do Vereador Dr. Aderbal Ramos Cabral, conforme requerimento protocolado em 23-11-83, que o Dr. João José Fagundes, brasileiro, casado, funcionário público municipal, é nosso funcionário exercendo a função de Secretário da Procuradoria Fiscal, percebendo mensalmente a remuneração de R\$ 304,220,00 (trezentos e quatro mil e duzentos e vinte cruzeiros).

Certificamos, que desde o dia 04/10/83 o referido funcionário, encontra-se à disposição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, a pedido do Exmo. Presidente Deputado Júlio César, conforme expediente daquela Casa, GP/624/83 em 29/09/83.

Certificamos que o Dr. João José Fagundes, continua percebendo sua remuneração desta Prefeitura.

Navegantes-SC., 23 de novembro de 1983.

Prefeitura Municipal de Navegantes
DOMINGOS ANGELO REGIS
Prefeito Municipal

"VEADO"! "INCENDIÁRIO"! "SEM-VERGONHA"! "LADRÃO"!

(Uma troca de gentilezas entre dois próceres do PDS)

PKB — Não gosto de ti, fizeste um veado empalhado desfilando em São José como sendo o meu primo.

PCR — Você tocou fogo na Assembléia.

PKB — Mas para ajudar também a esconder as bandalheiras do PSD.

(A discussão prossegue).

PKB — Este turco sem-vergonha não engana mais ninguém. Para ganhar esta eleição, roubei até urna.

Este é um fragmento de uma discussão pública entre dois notáveis das algarquias locais, durante a cerimônia de entrega do Prêmio Esso ao Jornal de Santa Catarina, no final do ano passado, e só agora revelado. PKB, todos identificam, é irmão e filho de ex-governadores, ligados a UDN. PCB é um atual secretário de Estado, parente de ex-governadores ligados ao extinto PSD. Depois do bate-boca, quando o governador foi chamado de "turco sem-vergonha" e de alguns termos mais pesados, no teatro Carlos Gomes, em Blumenau, o entrevero con-

tinuou no restaurante Moimbo do Vale, com a mesma agressividade. Mais de uma centena de pessoas esteve presente aos dois vergonhosos episódios. A imprensa nada registrou. Deve-se supor que se o jornalismo local recebe prêmios pelo que publica, receberia laureis internacionais, tipo prêmio Pulitzer, pelo que deixa de publicar.

O episódio, no entanto, não deve ser tratado apenas como uma alteração eventual entre dois desafetos dentro do mesmo partido. Ele reflete a briga de foice que se estabeleceu dentro do governo Amin pelas fatias cada vez mais magras do dinheiro público, antes tão fartamente pilhados por todos. Uma outra evidência disso é o episódio sórdido entre Carlos Passoni Júnior

e Francisco Grillo, que os catarinenses acompanharam recentemente pelas páginas do "O Estado" e do "Jornal de Santa Catarina". O caso está momentaneamente abafado. Depois de muita farofa jogada no ventilador, as duas partes estão em trégua. Só se surpreende quem não sabe a quem estão ligados os jornais que defendem um e outro.

PASSONI X GRILLO

O Presidente do BESC, Carlos Passoni Júnior, é acusado de falsidade ideológica e de corrupção. O sr. Francisco Grillo, genro do ex-governador Aderbal Ramos da Silva, é acusado de "má gestão" e de gastos feitos em proveito próprio, quando presidente da Besci. Nada disso é obra da oposição. São os próprios homens deste regime "acima de qualquer suspeita" que estão se degladiando publicamente.

Francisco Grillo afirma que tem documentos que provam toda a "corrupção e irregularidades" feitas por Passoni e que dariam mais

de duas horas de depoimentos numa CPI. Diz também que o presidente do BESC beneficiou o empresário Passos Elias David, da Construtora e Imobiliária EMAC, com uma operação de crédito de Cr\$ 733 milhões para a construção do conjunto Mediterrâneo, fora dos padrões normais do banco. "Essa foi a bandalheira que ocorreu durante a minha gestão, porém praticada pelo presidente do BESC." Grillo afirma que durante sua ausência, este contrato que normalmente teria uma duração de 30 dias para tramitar, foi feito em apenas dois dias. Ele lembrou que Passos Elias David "é amigo e protegido do Governador do Estado".

Quanto ao processo de "falsidade ideológica", que

está nas mãos da Polícia Federal, Francisco Grillo informou que Passoni Júnior declarou ao Banco Central ser aposentado pelo Banco do Brasil e como professor da UFSC. Na verdade, Passoni não é aposentado pela Universidade. Grillo afirma que através desta falsidade ideológica "dá para se ver quem é este cidadão, pois com essas duas aposentadorias burlou quatro instituições, ou seja, a UFSC, o INPS, a Caixa de Aposentadoria do BB que complementa o valor do salário dos funcionários aposentados e o BNH, pois sacou o Fundo de Garantia".

Ufa! Seja lá quem tenha razão, só nós perdemos, pois com gente assim cuidando de nosso dinheiro...

Ah, ia esquecendo: eles estão impunes e assim devem ficar: o PDS tem o presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito que apura as irregularidades no BESC. Portanto, não esperem a verdade, pelo menos tão cedo. (Ildelfonso Moraes)

Continuação da série 'PDS saqueia prefeituras'

O PDS continua dando farto material para a nossa seção de escândalos. Todos ainda lembram do ex-prefeito Miguel Tito Rosa, de Araquari, que loteou uma área de lazer entre os familiares. E de Altair Guidi, ex-prefeito de Circúma, flagrado com sua caixa dois. Lembram também do prefeito nomeado por Amin para São José dos Cedros, Cladi Grando, condenado a três anos de cadeia por falsificar documentos. E quem poderia esquecer de Canoíhas, onde pra ganhar as eleições o PDS saqueou óleo diesel, cimento e areia dos depósitos da prefeitura. Em Balneário Camboriú foi o atual prefeito, Haroldo Schultz, quem se viu as voltas com a Justiça, acusado de estelionato — foram constatadas fraudes na documentação de muitos dos imóveis que vendeu através de sua construtora.

E a saranda continua. Neste número temos para vocês o Caso Garuva, denunciado na Assembléia Legislativa pelo deputado Geovah Amarante. Ele exibiu da tribuna documentos que provam corrupção elei-

toral no município, praticada por candidatos do PDS em 1982. Geovan mostrou os recibos de Cr\$ 1 milhão 860 mil assinado por Norberto Weber e Cr\$ 1 milhão e 600 mil de Ademir Ribas do Valle, em forma de adiantamento para posterior prestação de contas feito 10 dias antes das eleições. Como ganharam, será que pagaram?

O prefeito pedessista Pedro Cantu, de Salto Veloso, estava há tanto tempo no cargo que não vacilou e meteu a mão no caixa, na certa estimulado pela impunidade que já constatará em outros casos idênticos. Ficou para si com dois cheques de Cr\$ 1 milhão destinados ao pagamento da mão-de-obra de um ginásio de esportes. Flagrado, teve que renunciar. Num acordo com a bancada do PDS, majoritária, conseguiu escapar impune. Entretanto, o promotor criminal da Segunda Vara, em Videira, solicitou a Câmara de Vereadores a documentação referente ao caso e não quer acordo, pretende indiciar o ex-prefeito por ter lesado a municipalidade e aos contribuintes.

